

Taizé (Lx.)

5 Out 2000

1

CUIDAR O FUTURO

INTRODUÇÃO

Maria de Lourdes Fritzsche

Terminámos o milénio com a certeza, / ao mesmo tempo maravilhada e assustadora, / de termos sido contemporâneas de inovações científicas e tecnológicas, de mudanças sociológicas e políticas que, em menos de um século, modificaram de forma radical o planeta, as sociedades em que vivemos, e a nossa própria consciencia identitária.

Os direitos das mulheres, a consagração jurídica da sua plena cidadania, são, aos olhos dos que entendem a raiz das coisas, a maior conquista do século XX. Não tenho a falsa humildade de pretender ter sido apenas observadora do que aconteceu. Desde que acordou em mim a consciência de ser mulher fiz parte do grupo de mulheres que, pelo mundo fora, procuraram, como diz a Prof. Irene Ramalho:

"uma igualdade que não descaracterize e uma diferença que não humilhe".

E é por isso que o que tenho para dizer-vos hoje se alimenta da consciência cada vez mais viva do igual imperativo dessa igualdade e dessa diferença. Antoinette Fouque, no livro "Il y a deux sexes" reafirma-o de uma forma que inteiramente faço minha:

"Igualdade e diferença não podem afirmar-se uma sem a outra nem serem sacrificadas uma à outra". (p.44)



E denuncia a sociedade de hoje em que, apesar de todos os progressos,

"se trata de exhibir as mulheres onde elas de facto não estão enquanto tais e de as excluir onde elas existem."(51)

Entrar em todos os domínios onde o homem masculino fêz as leis, gerou a cidade, criou valores, estabeleceu modos de funcionamento, era uma etapa necessária.

Mas intrusas em campo alheio,
se não deixámos pelo caminho a nossa identidade e a cultura das mulheres que nos coube em herança, cedo nos apercebemos de que essa entrada só vale a pena se a nossa contribuição trazer novas perspectivas,
outra maneira de dizer a realidade,
de equacionar os seus problemas,
de imaginar a sua organização
e de lhe atribuir sentido.

Uma tal contribuição paga-se caro, porro dizê-lo é conhecido directo e pessoal.
Como podem as mulheres então reconstruir o mundo?

- * A sua análise é feita de outro lugar. O lugar da identidade própria e o lugar em que o sujeito se identifica com o objecto.
- * É uma análise científica, intransigente, exacta - que não se dobra aos padrões estabelecidos nem aos lobbies ou



às mafias de interesses.

- ★ Nessa leitura do mundo, não há que ser cobardemente indulgente mas lucidamente compassiva.
- ★ Nem reduzir a complexidade do real a uma justaposição linear de problemas, arrumados em sectores,
em departamentos,
que o mesmo é dizer em desconexões.

As mulheres sabem por experiência que tudo tem a ver com tudo. Procuram assim correlações, pois só desse modo,
como o tem demonstrado a Física e as outras ciências da natureza,
é possível o acto de compreender.

- ★ E, tendo compreendido, procurarão soluções não-parcelares,
integradas,
onde a vida, por isso, pulse.

É dessa tarefa que vamos falar.

I - OLHAR O MUNDO



1. O mundo já não é só *um mundo em transição*. Certo que o percorrem processos de transição em aspectos muito concretos da realidade social, mas esses processos não são senão estremecimentos de uma situação global estável, *intocável, paralisada e paralizante*, a que o mundo chegou neste início de milénio e que importa olhar corajosamente *e criticamente* de frente.

1.1. É um mundo *intensamente povoado*. Cada pedaço de terra arável já escassamente pode ser dividido e ser produtivo.

Os genocídios da região africana dos grandes lagos

- Ruanda, Burundi -

foram a ilustração dramática *entre outras causas* dessa escassez da terra.

Um exemplo:

Quando eu nasci a população de 2.000 milhões *de pessoas* havia duplicado ao longo de um século; desde então a população mundial triplicou.

A continuar a mesma taxa de fertilidade o mundo conterà em cada ano mais 9 Suécias;

em cada 6 anos mais uma América Latina;

e a meio do século, o acréscimo de um mundo de igual dimensão ao de 1960.

Organizaç. UN p. o Alimentação e a Agricultura

Embora a FAO assegure que há alimentação suficiente para uma tal dimensão populacional,



ameaçam as futuras gerações dois enormes problemas:

- o crescente desequilíbrio dos recursos entre o norte e o sul e o total desequilíbrio dos bens ^{alimentares} dentro de cada sociedade (cada N comporta o seu S e cada S tem um N de dimensões desconhecidas em outras latitudes)
- os riscos dos alimentos geneticamente transformados quer em si mesmos quer na sua utilização como 'armas' de embargo e de dissuasão, num mundo em que o proteccionismo vive clinicamente num mercado dito de livre concorrência. *paradoxalmente e*

A completar esta dificuldade, no mundo escasseia água potável,

Fundação Cuidar o Futuro

pela drenagem que dela é feita, pela sua contaminação pelos adubos e pelos componentes não-biodegradáveis dos desperdícios urbanos e industriais.

1.2. As mulheres começam a estar presentes em muitas estruturas da administração nacional e nas instituições internacionais.

Essa presença tem de traduzir-se no trabalho intenso para que as condições de vida dos seres humanos melhorem.

É minha convicção que é urgente a substituição



Homem.

Esta longa lista é parte integrante da Qualidade de Vida.

Sendo assim, o seu cumprimento funciona como outros tantos *indicadores objectivos* da Qualidade de Vida.

Mas o que é igualmente importante na qualidade de vida é que ela é também resultado de uma *avaliação subjectiva*.

Ultrapassado o nível da sobrevivência, diferentes direitos e graus da sua implementação doseiam-se para cada pessoa como resposta a aspirações e a escolhas de estilos de vida e prioridades pessoais.

Não têm por isso, para além desse limiar, o mesmo conteúdo para cada pessoa.

Trabalhar para uma sociedade em que a Qualidade de Vida seja, assim, medida a um tempo por direitos objectivos e universais e por satisfação de condições subjectivas e diversificadas é uma nova maneira de olhar a sociedade e o mundo.

Desligamo-nos de representações arcaicas das 'massas populares' como um todo uniforme para garantirmos a cada ser humano não só a resposta às suas necessidades fundamentais mas também o respeito pela sua identidade e pelas características que a definem.



II - UM MUNDO HEGEMÓNICO

2.1. A qualidade de Vida que procuramos não é uma justaposição de uma nova perspectiva a uma representação do mundo que se manteria inalterável.

Fomos contemporâneas ao longo de toda a nossa vida da Guerra Fria que manteve duas ideologias em permanente estado de confronto latente.

Ambas resultavam do mesmo paradigma:

uma convicção prometeica do progresso das ciências, inserida numa história a desenrolar-se linearmente.

Se tivéssemos dúvida sobre a ingenuidade desse paradigma, os acontecimentos da última década bastariam para nos mostrar à saciedade que a realidade é outra e que o paradigma ainda não formulado tem de ser esboçado com novas coordenadas.

Vivemos num mundo em que contrariamente à tese do fim da história

- centrada no Ocidente e numa perspectiva mecanicista da vida democrática -

temos a sensação de que

estamos a começar a escrever a história.



Pois onde está o tempo em que "das espadas se fabricarão enxadas e das lanças se farão foices" (Is. 2,4), como o esperavam, fazendo sua a profecia de Isaías, os fundadores das Nações Unidas e assim o escreveram na Praça das Nações Unidas em N.Y.?

Onde está a igualdade de todos os povos, independentemente da sua raça ou religião ou da dimensão dos países a que pertencem?

Onde está a solidariedade e a partilha entre as diferentes nações e o apreço mútuo no respeito das diversidades que enriquecem o mosaico que formamos?

Ao invés dessa força de uma universalidade redescoberta - em que a diferença exclui a uniformidade niveladora - *o século XXI começou sob a égide de uma nova hegemonia*, fruto não só da relação de forças e do imperialismo dos mais poderosos, mas sobretudo, e na sua raiz, consequência de uma avassaladora ideologia que, sem dizer que o é, percorre todo o planeta: a do fundamentalismo de base nacional, étnica ou religiosa a querer impor a outros a sua visão do mundo e a lei que dela nasce.



Nunca o furor nacionalista atingiu tantos e tão diferentes povos, comprometendo a paz nacional, regional e mesmo mundial.

Nunca a força da economia atingiu as proporções sacrais que revela 'a religião do mercado', adorando o bezerro de ouro que, ~~na minha tradição religiosa,~~ é a negação dos valores e da procura do sentido mais profundo da vida e da pessoa humana.

(Só no meu país estão em prime-time de 3 estações televisivas programas que têm como prémio da sorte ou da estupidez o dinheiro.)

com títulos q se não escondem: dinheiro à vista, ser milionário... - A inflação do desejo de ter submergir o ser: começo da cultura da privacidade no programa "Big Brother"...

- A revolução informática e da comunicação permitiu que os agentes económicos e financeiros se apropriassem rapidamente das possibilidades abertas. Transformou-se completamente o processo de produção que, por ser parcelizado, tornou possível uma divisão internacional do trabalho a uma escala ainda não conhecida: já não há fábricas mas sim unidades diversas de produção de um mesmo artigo situadas a milhares de quilómetros de distância umas das outras.

Em cada lugar alguém é cúmplice e ganha;



mas em todos os lugares do processo os que trabalham e entram na cadeia transnacional da produção

são cada vez mais penalizados

e encontram-se desprovidos de todos os meios de protecção.

O lado infernal da globalização é essa exploração consentida e estimulada pelo mercado, que é invocado pelos responsáveis políticos como se fosse uma pessoa, tivesse inteligência e consciência, quando afinal não é senão um mecanismo cego nas mãos do lucro, da ganância e da corrupção.

- A total eliminação do factor humano e social da economia não é tudo.

A hegemonia actual também elimina o factor ambiental da economia,

sem o qual destruimos o planeta,

ao qual ^{a terra} impomos uma carga de poluição e de desperdícios que ele não pode suportar:

- degradam-se os sistemas de suporte da vida;
- elimina-se a riqueza diversificada da própria vida;
- destroi-se a beleza, criadora de sentido e fonte de espiritualidade para a nossa vida humana.
- A energia que gastamos não só esgota recursos como nos encaminha para uma grande interrogação sobre a viabilidade da vida das gerações futuras.



2.2. Uma tal hegemonia não pode continuar a ser consentida.

Estou diante de mulheres que podem não só lutar
 contra o trabalho infantil,
 contra a ausência de legislação que garanta a saúde
 e, em particular, a saúde reprodutiva das mulheres
 no mundo do trabalho,
 mas podem também exercer pressão,
 fazer propostas,
 criar movimentos de opinião,
 para que seja elaborado, votado e reconhecido
 internacionalmente um código de conduta para as empresas
capaz de derrotar a hegemonia económica no
próprio terreno onde ela se manifesta.

Fundação Cuidar o Futuro

- Tão pouco podem as mulheres aceitar que a natureza - a quem as sociedades patriarcais sempre as assimilaram - seja violada como o está sendo.

Houve compromissos assumidos pela imensa maioria dos países desde 1992. Mas as conferências internacionais, de Kyoto a Toronto, mais não fizeram do que renegar os compromissos assumidos.

Até nesse domínio entrou a lógica assassina do mercado, com a compra e venda dos direitos de emissão dos gases que provocam o efeito de estufa.



Como podem as mulheres aceitar
 - e tantas são responsáveis dos departamentos do Ambiente
 ou da Justiça -
 que uma tal falácia ganhe direito de cidade?

Pois não é a atmosfera só uma?

Não é verdade que é indiferente que os gases emanem
 dos Estados Unidos ou da Somália?

E não é evidente também que a compra desses direitos
 é a forma de uma nova escravatura colectiva,
do domínio de umas nações por outras,
 impedindo-as de se industrializarem?

As mulheres podem mudar o curso das coisas. Lembro-me
 de mulheres como Wangara Mathai no Kenya ou Vandana
 Shiva na Índia e no movimento das mulheres que se
 abraçaram às árvores para impedir o seu derrube.

III - UM MUNDO EM ATRAZO DE DEMOCRACIA

3.1. Gestos como o dessas mulheres são raros.

Porque as decisões que dizem respeito às populações são
 tomadas cada vez mais longe delas.

Hoje não só a política dos preços das matérias primas
 são decididas longe e, muitas vezes,



contra os interesses das populações onde são produzidas. Também os preços dos bens essenciais acabam por estar sujeitos a uma política que já só raramente cabe aos próprios decisores nacionais.

Sem participação dos cidadãos, a democracia torna-se cada vez mais o que um politólogo francês, Patrick Viveret, chamava há semanas "a confiscação do poder *pela democracia*."

O atrazo ou mesmo perversão democrática experimenta-se em cada país.

Mesmo nos países que são considerados como exemplares na sua democracia constata-se a insatisfação com as instituições democráticas existentes. P.ex., o Governo sueco acaba de publicar o relatório de uma comissão a quem foi pedido um estudo sobre as condições necessárias para "uma democracia sustentada".

Caracteriza-se esse atrazo democrático essencialmente por:

- a) carência de definição dos objectivos de cada sociedade;
- b) ausência de mecanismos de participação nas decisões relativas às matérias que ~~les~~ dizem directamente respeito *às pessoas*;
- c) inexistência, mau funcionamento ou neutralização dos organismos de controle das instituições democráticas (countervailing powers).



Em muitos outros países a própria democracia formal não existe ou está confiscada por uma só classe, um só partido, um só sexo.

O atraso da democracia, a sua lentidão em acompanhar as grandes transformações do nosso tempo, são particularmente flagrantes à escala mundial.

Um mundo globalizado carece de instituições de governância global.

É indispensável que a ONU mude totalmente as suas práticas, atrazadas de 50 anos.

Assim:

a) já está provado com muitos milhares de vítimas que "manter" a paz sem poder "fazer a paz" se salda negativamente;

b) um Conselho de Segurança que se limita à segurança militar não compreende que a guerra tem a sua origem nos imensos desequilíbrios que atravessam o mundo de hoje e que, da sua agenda devem fazer parte as grandes questões sociais e económicas.

c) as Conf. intern. da década de 90 construíram uma agenda mundial

Paralelamente, a governância mundial não pode pactuar com um único centro controlador da ciência e da cultura.

O recente anúncio feito ao mundo da descoberta da sequenciação do genoma humano pelo pres. Clinton e pelo PM Tony Blair



*mar, na
Reunião de Rio,
Copenhague
ou Beijing,
Cada vez
a ONU entrosar
15
cf realismo
as resoluções
e os compromissos*

é uma apropriação indevida e não ética da ciência pela política.

3.2. Nos últimos anos, tem havido um interesse crescente da parte das mulheres pela efectivação do seu direito à plena participação política.

Esta participação só trará alguma coisa de novo à sociedade e fará justiça ao contributo das mulheres se a paridade fôr de par com uma clara ^{renovação} ~~diferenciação~~ no entendimento da democracia.

As mulheres no poder político representam uma mais valia social se, ao mesmo tempo, estiverem decididas

Fundação Cuidar o Futuro
a democratizar a democracia.

A paridade será um instrumento adequado na medida em que, pelo seu número, as mulheres puderem mudar as regras do jogo.

IV - PARA UM NOVO PARADIGMA: UM MUNDO ASSENTE NO CUIDADO

Em que assenta então esse contributo das mulheres para um novo paradigma do funcionamento da vida política?

O neo-liberalismo, perversão da livre iniciativa,



na sua filosofia do ser.

Longe dos que veriam no cuidado primariamente uma moral

Heidegger define o ser humano como um ser de cuidado. *sorge, souci, care,*

Paul Ricoeur retoma essa mesma noção em particular no seu livro "soi-même comme un autre".

Emmanuel Levinas ao afirmar que "nós não é o plural de eu" mas traduz sobretudo uma ligação prévia

à existência de todos os humanos,

não faz senão dizer que esse 'nós' supõe o cuidado

como garantia da própria existência individual e colectiva.

Depois também politicamente.

No relatório da Comissão a que presidiu
sobre a governância mundial

o antigo PM da Suécia, Ingvar Carlsson, Fundação Cuidar o Futuro
afirmou que:

*"A tarefa para a governância é encorajar
o sentido do cuidado, através de políticas e de
mecanismos que facilitem a cooperação para ajudar os
desfavorecidos ou os que precisam de conforto e de
apoio." (Pg.54)*

É curioso notar que um antigo dirigente do Banco Mundial, ao fazer o estudo dos erros que o Banco cometeu e as repercussões que tiveram na vida e na morte de milhares de pessoas, terminou o seu trabalho com um comovente apelo ao 'cuidado', escrevendo:



“O guardião e facilitador da liberdade no planeta para as gerações actuais e futuras é o cuidado – uma atitude e um modo de estar no mundo que salvaguarda as riquezas humanas e naturais que herdámos do passado, garantindo assim um futuro aberto a muitas e diversas possibilidades.” (pg.317)

Em terceiro lugar, os trabalhos realizados por Carol Gilligan e depois retomados por numerosas pensadoras das questões sociais mostram que **a uma ética da justiça - em que se funda e a que se limita no seu melhor a democracia existente - há que justapor a ética do cuidado.**

Enquanto a ética da justiça constroi todo o edifício político sobre o ser humano como sede de direitos, a ética do cuidado toma em linha de conta a posição eminentemente realista de que o ser humano é também um ser de vulnerabilidades que, em numerosas situações, o impedem de se erguer para defender os seus direitos.

É certo que na prática poderíamos dizer que a dominante social do estado-providência foi já, avant-la-lettre, uma expressão do reconhecimento das situações de vulnerabilidade.

Mas o envelope conceptual dessa formidável conquista do século XX foi ainda e só



o da justiça, dos direitos e das normas que deles brotam. É minha convicção que uma das razões para as dificuldades com que se debate o estado-providência resulta do facto de não se ter ainda emancipado desse quadro conceptual em que foi construído.

Uma ética do cuidado pode dar um novo ponto de partida ao papel do Estado em relação às verdadeiras prioridades políticas de sociedades

em que a pessoa humana deve ser o centro e o fim último de toda a decisão política,

Não bastará então acrescentar piedosamente à democracia política

a democracia social, económica e cultural.

Haverá sim que construir a democracia simultaneamente sobre a justiça e o cuidado, sobre os direitos e as responsabilidades.

como 120 chefes de Estado e de governos afirmaram solenemente Conf. de Cop. em 1995

Tem sido intensa a discussão que tem tido lugar no movimento de mulheres

desde que o conceito de 'cuidado' foi elaborado por Carol Gilligan que havia sido colaboradora de Kohlberg nos trabalhos que conduziram à sua teoria do desenvolvimento moral.

É a uma das mais eminentes pensadoras nesta matéria, Joan Tronto, no seu livro "Moral boundaries", que vou buscar a síntese da importância



do conceito de cuidado a par da ética da justiça:

“Em primeiro lugar a ética do cuidado faz apelo à responsabilidade e a relações mais do que a direitos e normas.

Depois, uma tal ética está mais ligada às circunstâncias concretas do que aos aspectos formais e abstractos. Finalmente a ética do cuidado é expressa adequadamente

não tanto por um conjunto de princípios mas por uma actividade, ‘a actividade do cuidado’”.

(pg.79)



Ao longo deste percurso vamos afinal encontrar tanto o pensamento de Hannah Arendt dando à acção a expressão última da intervenção no mundo, como o pensamento do filósofo alemão contemporâneo Hans Jonas, ao erigir como grande princípio englobante da ética para o nosso tempo o ‘princípio responsabilidade’ como o mais adequado para exprimir a ética do futuro que este milénio exige.

Para ~~realizarmos~~ tornar este e'ha principio de act,

precisamos de

trabalhar em cada

Fundação Cuidar o Futuro

momento / primeiros passos,

como o escreveu há poucos meses a poetisa Ana Luísa Aragão:

*“~~avercentar a da vida de~~, a ternura comum de,
Crona boca; no deserto cuidar/que alguma flor/ a
persista,*

*É essa a mensagem do doc. q vamos ver,
feito por jovens e produzido pelo MNE & Holanda.*